

CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA E TECNOLÓGICA DOS PRODUTORES FAMILIARES DE CAJU NA REGIONAL DE JALES (SP) .

Edicléia Aparecida da Silva¹, Maria Aparecida Anselmo Tarsitano², Aparecida Conceição Boliani².

¹Auxílio Pesquisa FAPESP

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Agronomia da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Câmpus de Ilha Solteira-SP, Passeio Prado, 317, Fone: (18) 3742.3206 , e-mail: edicleia.aparecida@hotmail.com

²Docentes da Unesp, Departamento de Fitotecnia, Socioeconomia e Tecnologia de Alimento, Av. Brasil, 56, Ilha Solteira-SP, Fone: (18)3743.1144, e-mail:maat@agr.feis.unesp.br, boliani@agr.feis.unesp.br, smalcost@agr.feis.unesp.br

RESUMO: O presente trabalho teve como objetivos, realizar a caracterização sócioeconômica e tecnológica dos agricultores familiares produtores de caju na região de Jales, noroeste do estado de São Paulo. Os dados utilizados neste trabalho foram obtidos por meio de entrevistas e questionários aplicados aos produtores familiares de caju. Os resultados mostram que a cultura é exigente em tratamentos culturais, principalmente no tratamento fitossanitário, que demanda um rigoroso controle e acompanhamento de todo ciclo de produção. A cultura do caju pode ser considerada como mais uma alternativa viável de cultivo na região de Jales (SP), mas há muito para se realizar no desenvolvimento de pesquisas que visem melhores técnicas em relação ao sistema de cultivo e a comercialização da fruta in natura.

Palavras-chave: Perfil dos produtores, Caju, Região de Jales.

CHARACTERIZATION SOCIO ECONOMIC AND TECHNOLOGICAL OF CASHEW FAMILY FARMERS, IN JALES REGION (SP).

SUMMARY: The objectives of this work were the socioeconomic and technological characterization of the cashew family farmers in Jales region, northeastern of Sao Paulo. The data used in this work were obtained through interviews, and questionnaires answered by cashew family farmers. The results shows that the crop management practices, especially on phytosanitary treatment, which must be rigorously controlled and observed throughout the whole production cycle. The cashew crop can be considered as another viable crop alternative in Jales region (SP). However, there is plenty to be done, mainly in the development of researches that seek better techniques for the crop system and fresh fruit commercialization.

Key words: Producers' profile, Cashew, Jales region.

INTRODUÇÃO

O cajueiro (*Anacardium occidentale* L.) pertencente à família Anacardiaceae ocupa lugar de destaque entre as plantas frutíferas

tropicais (RUGGIERO, 2001).

A produção brasileira de castanha de caju foi de 255.060 toneladas em 2006, em uma área de aproximadamente 704.214 hectares, sendo 100% obtida na região

Nordeste. O maior produtor é o estado do Ceará com 51% da produção total obtida, seguida pelo Piauí com quase 24% e Rio grande do Norte com 19%.

Em 2005 foram exportadas cerca de 41.856 toneladas de castanha de caju, sendo os Estados Unidos o maior importador (64% do total exportado) da nossa castanha (HARADA et al, 2007).

A produtividade do cajueiro é expressiva na região Nordeste onde a EMBRAPA (1991), através do Centro Nacional de Pesquisa em Agroindústria Tropical (CNPAT) localizada em Pacajús-CE, vem desenvolvendo várias pesquisas. Entre elas, a introdução da variedade caju anão precoce que fez avanços a produção e que deverá, ao longo do tempo, substituir o caju comum que apresenta baixa produtividade e dificuldades na colheita devido a sua altura.

No Estado de São Paulo, a fruticultura se destaca no cenário nacional e com a crescente expansão e diversificação de espécies frutíferas. A fruticultura paulista começa a apresentar bons resultados, pois além de suprir parte de suas necessidades internas, ainda destina boa parte para o mercado internacional, contribuindo para a geração de divisas (SANTIAGO e ROCHA, 2001).

A região noroeste do Estado de São Paulo vem se destacando na produção de frutas. Nesta região, a cultura do cajueiro anão precoce foi introduzida em 1994 pela empresa ASADA - Empreendimentos Agroindustriais localizada no município de Mirandópolis-SP, com o objetivo de produzir desde a muda até a instalação de uma indústria para processamento da castanha e do pedúnculo.

Enquanto no Nordeste do país é comercializada a castanha de caju, na região noroeste do Estado de São Paulo predomina a comercialização da fruta in natura (PETINARI, 2002).

Na região de Jales (SP) a cultura do caju é mais recente, teve início de 2000/01 nos municípios de Urânia e Santa Salete. Foram os produtores familiares de caju que em 2002 propuseram juntamente com produtores do

município de Aspásia se organizarem em uma associação para realizarem compras conjuntas, inicialmente das embalagens, selos e papel filme, com o objetivo de diminuir os custos de produção.

A cultura do cajueiro vem se expandindo nesta região, mas são poucos os dados referenciais para a cultura, no que diz respeito à tecnologia, produtividade, aspectos ligados a economicidade da fruta, e o relevante papel de uma associação na organização e no desenvolvimento de uma cultura em uma determinada região.

Este trabalho teve como objetivo, a caracterização sócio-econômica e tecnológica dos produtores familiares de caju, da regional de Jales (SP).

MATERIALE MÉTODOS

A abrangência do estudo tem como referência o EDR (Escritório de Desenvolvimento Rural) de Jales situado a noroeste do estado de São Paulo, pertencente a uma das 40 Unidades Administrativas da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) / Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

Para a realização de trabalho de campo nos municípios de Aspásia, Urânia e Santana da Ponte Pensa, foram contactados técnicos das Casas de Agricultura, para seleção dos municípios e dos produtores que seriam entrevistados na pesquisa.

Foram definidos todos os produtores de caju (11), organizados em uma associação informal, desde 2002, com objetivo de realizarem compras conjuntas de embalagens, selos, filme plástico treta-pak para embalagens das frutas, para reduzirem os seus custos, além de troca de informações, visitas a outras regiões produtoras de caju e utilização do descarte de frutos para processamento artesanal.

O levantamento de dados foi efetuado junto a produtores de caju, aos técnicos das Casas da Agricultura e com os técnicos do SAI (Sistema Agroindustrial Integrado) localizados nos municípios estudados, visando identificar

os produtores.

O questionário foi aplicado em 2005 e 2006 e as informações obtidas foram: tempo em que os produtores trabalham na agricultura, faixa etária, escolaridade, área total das propriedades, área com caju, assistência técnica recebida, problemas e dificuldades, máquinas e implementos, infraestrutura da propriedade e insumos utilizados, fonte de renda monetária e utilização de financiamento rural.

Também foram realizadas visitas aos técnicos das casas de agricultura dos municípios que fazem parte os produtores pesquisados, com o objetivo de conhecer melhor o papel desta assistência. Nas entrevistas (com roteiro pré-elaborado) com os técnicos (agrônomos) foram levantadas informações sobre dificuldades gerais encontradas pelos produtores, programas específicos voltados a esses produtores, principais demandas (atividades e/ou serviços) entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados discutidos a seguir referem-se à tabulação dos dados dos questionários nos municípios de Aspásia, Urânia e Santana da Ponte Pensa, aplicados junto a 11 produtores familiares de caju localizados na regional de Jales.

Dentre os dados referentes ao produtor buscou-se efetuar o levantamento quanto ao tempo em anos que o produtor trabalha na agricultura. Verificou-se que, a maioria, dos produtores, encontra-se há mais de 20 anos trabalhando na agricultura (cerca de 82% do total) e somente 2 produtores estão há menos de 10 anos no setor rural.

Com relação ao local de residência dos produtores rurais constatou-se que a grande maioria, 90% moram na propriedade e apenas um produtor reside fora do setor rural, na cidade de Aspásia, se deslocando todos os dias para a propriedade. Assim como na fruticultura de forma geral, pode-se constatar que a cajucultura, por demandar mão-de-obra intensiva e qualificada, acaba fixando o

homem no campo, pois 100% das propriedades entrevistadas têm pelo menos uma casa de moradia ocupada.

Quanto à faixa etária dos produtores, a maioria têm idade entre 30 e 45 anos, 30% têm de 46 a 60 anos e somente 1 produtor tem acima de 60 anos, ou seja, os produtores estão em idade produtiva.

Quanto ao grau de escolaridade dos produtores observa-se que a maioria, cerca de 55% deles não concluíram o ensino fundamental e apenas 18% dos produtores concluíram o ensino médio. Deve-se registrar que não há analfabetos entre os produtores de caju.

O que deve ser ressaltado é o resultado obtido com o número de produtores que apresentam curso superior completo, cerca de 27% do total.

Com relação a área das propriedades verificou-se que, 45% dos produtores apresentam propriedade variando de 15,1 a 30 ha, 27% menos de 15 ha e 28% área de 30 ha.

Este resultado retrata a estrutura fundiária do EDR de Jales, caracterizada por pequenas propriedades rurais, sendo que mais de 85% do número total de Unidade de Produção Agropecuária (UPA's), possui área inferior a 50 ha ocupando apenas 38% da área total da regional de Jales, assim como encontrada nos municípios estudados de Aspásia, Urânia e Santana da Ponte Pensa

A área plantada com caju varia de 0,4 a 2,2 ha, isto é, de 80 a 450 pés de caju, representando uma área média de 1 ha ou 200 pés. O espaçamento utilizado no início era de 6 x 8 m, atualmente estão utilizando espaçamento maior 7x 8. A idade média dos pomares é de 4 anos, muito embora venha crescendo o número de pés novos.

Para a formação dos pomares de caju, as mudas enxertadas foram obtidas em viveiro especializado da ASADA Empreendimentos, empresa que introduziu a cultura na região, localizado no município de Mirandópolis.

A assistência técnica é fornecida para os produtores de caju através dos técnicos das Casas da Agricultura/SAA-SP e por técnicos das lojas de revendas de produtos

agropecuários. A maioria dos produtores de caju é atendida por algum tipo de assistência técnica, sendo que a mais citada (55%) foi a assistência técnica fornecida pelos agrônomos e técnicos da Casa da Agricultura.

Podemos perceber que 15% dos entrevistados recebem assistência técnica particular, sendo a maioria proveniente de técnicos de lojas de revenda de produtos agrícolas. A Cooperativa é citada por 15% dos produtores e os Outros 15% (referem-se a informações de amigos e vizinhos).

Em entrevista com a agrônoma da Casa da Agricultura de Aspásia pôde-se verificar que as atividades desenvolvidas junto aos produtores resumem-se em Cursos, Palestras, Dia de Campo, Visitas de Orientação Técnica, Assistência Técnica, Organização de Grupos, Associações e apoio a participação em feiras agropecuárias.

Atualmente os técnicos das Casas da Agricultura vêm incentivando a participação das mulheres em associações, grupos, ou seja, nas várias atividades desenvolvidas pelas instituições. Isso tem possibilitado melhor participação das famílias nas atividades, e conseqüentemente maior divulgação de novas tecnologias.

Além disso, o envolvimento das mulheres em cursos, palestras e excursões têm contribuído não só para capacitá-las em novas atividades, mas também para conscientizá-las da importância de seu papel na propriedade rural e no meio social.

Para a técnica da Casa da Agricultura, os maiores problemas/dificuldades dos produtores de caju, estão relacionados a falta de tecnologia adequada para produção de caju na região e a falta de transporte adequado para escoar a produção para os grandes centros.

É importante ressaltar também a participação do SAI (Sistema Agroindustrial Integrado) junto aos produtores de caju, orientando na organização das reuniões, no agendamento e viabilização de viagens técnicas e principalmente na realização de cursos e na organização do grupo de mulheres no aproveitamento da fruta na produção de doces, geléias, patês, entre outros.

Do total dos produtores pesquisados 73% apontam como uma das principais dificuldades na viabilização da cultura a identificação e controle de doenças. Apesar de rústico, o cajueiro é susceptível às pragas e às doenças em todas as fases de seu desenvolvimento, exigindo tratamento fitossanitário intensivo (na época das chuvas as pulverizações são semanais). Das doenças, a Antracnose (*Colletotrichum gloeosporioides* Penz) foi a mais citada e é a que vem causando maiores prejuízos aos produtores, principalmente na época das chuvas, período em que a produção é maior. A seguir, vem a Resinose (*Lasioidipodia theobiomae*), Mancha Angular (*Septoria anacardii*) e Podridão dos frutos. Das pragas o besouro amarelo da goiabeira (*Costalimata ferruginea* Vulgata) é o que vem causando maiores danos a cultura. A broca das pontas (*Anthistarcha binocularis*) é mais recente mas, também vem preocupando muito os produtores, assim como a cochonilha (*Homoptera, Diaspididae*).

A comercialização da fruta foi outro problema destacado por quase 64% dos entrevistados. Depois de colhido o caju é selecionado e comercializado in natura em pequenas caixetas de papelão com capacidade para 1,8 Kg. Em cada caixeta é acondicionado 4 bandejas de PVC e em cada bandeja são colocados de 3 a 5 frutos, totalizando 12 a 20 frutos por caixa. Cada bandeja é revestida com filme plástico, possibilitando uma maior conservação da fruta. Além da comercialização da fruta embalada in natura, em média um quarto da produção é destinada a venda direta na porteira a granel, para representantes de indústrias de suco, para confecção de doces caseiros, isto é, processamento artesanal da fruta do caju descartada da venda in natura, ou ainda, a venda direta a feirantes e supermercados da região.

A forma mais praticada de comercialização da fruta na região é a de preço em consignação, por atravessadores (atacadistas) diretamente na propriedade rural. O produto é enviado para empresas

(atacadistas) localizadas nas CEASA'S ou CEAGESP-SP, sendo estas responsáveis pela comercialização e as despesas com transporte, comissão do atacadista e descarregamento da fruta, que correspondem a cerca de 26% do faturamento bruto. Este tipo de venda recebe o nome de preço consignado, pois o agricultor envia seu produto sem saber o preço que vai receber. Após a venda o produtor recebe o preço líquido, descontado as despesas com a comercialização.

Somados aos dois itens acima os produtores apontam também como dificuldades, os altos custos de produção para o cultivo, R\$13.155,96/ha em 2006 (TARSITANO, 2007), mão-de-obra para colheita, custos das embalagens da fruta, preços altos dos insumos principalmente defensivos e fertilizantes.

A decisão ou não de se realizar a poda drástica no pomar foi outra dificuldade apontada por um produtor. Com mais de 4 anos de idade a copa das plantas tendem a fechar, dificultando as pulverizações no controle de doenças e pragas. Ainda não se tem informação suficiente para obter uma conclusão sobre o efeito da poda na produtividade do caju, visto que esse tipo de manejo foi adotado somente por alguns produtores a menos de 1 ano, e além disso cada produtor tem adotado um tipo de poda, uns mais e outros menos drástica.

Recentemente docentes da UNESP do campus de Ilha Solteira iniciaram um estudo sobre poda e uso de regulador no cajueiro com produtores do município de Aspásia.

A importância do uso da poda de forma adequada, aliada a adubação e irrigação, passa pelo objetivo de se conseguir um preço melhor da fruta produzindo nos meses de abril a junho, época em que a produção é menor e conseqüentemente os preços são maiores.

Com relação a infra-estrutura das propriedades, todos os produtores possuem pelo menos 1 trator, 27% possuem 2 tratores e 73% dos produtores possuem grade.

Pelo fato da cultura do caju ser muito exigente no tratamento fitossanitário, o pulverizador é um implemento importante no

controle de doenças e pragas.

Nas propriedades observam-se também benfeitorias disponíveis tais como: casa de moradia, paiol (armazenamento de ferramentas e defensivos), curral (produtores que trabalham com leite), poço artesiano e barracão para classificação e embalagem do caju e outras atividades. Muitas vezes, os próprios produtores improvisam equipamentos que possam facilitar o trabalho com a cultura.

Com relação a utilização de insumos pode-se dizer que os produtores realizam análise do solo, utilizam fertilizantes e calcário para correção do solo e fazem o controle de doenças e pragas através do uso de defensivos (média de 25 pulverizações anuais), principalmente voltado para o controle da Antracnose, principal doença do caju.

O sistema de cultivo intensivo permite uma boa produtividade das plantas, em média 20 toneladas/ha em 2006, muito embora cerca de 40% da produção seja perdida. Harada et al. (2007) mostram que em Pacajus (CE) com os clones dos grupos Gigante e Anão Precoce a produtividade média estimada para o 4º ano é de 12.000 kg/ha de pedúnculo. Os preços médios obtidos pelos produtores pela fruta comercializada no CEAGESP ou nas CEASAS regionais variam de R\$3,0 a R\$4,0 a caixa de 1,8 kg e o preço médio vendido para indústria é de R\$1,00 o kg. Na entressafra, isto é nos meses de abril a junho, alguns produtores conseguiram até R\$8,00/caixa, preço líquido.

Sobre a fonte de renda dos proprietários entrevistados constatou-se que 90% é proveniente da produção agrícola, sendo que existe um complemento com aposentadoria, arrendamento e trabalho agrícola para terceiros.

Em relação ao crédito rural, pode-se dizer que o financiamento consiste num dos principais pontos relacionados a produção da fruta, tendo em vista que o cultivo do caju requer altos investimentos na implantação, formação, manutenção e produção da fruta. Sendo assim, a maioria dos produtores familiares, já financiaram ou financiam suas atividades através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

(PRONAF).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura do caju pode ser considerada como mais uma alternativa viável de cultivo na regional de Jales.

A produção de caju ocorre em pequenas propriedades, com ajuda de familiares, os agricultores utilizam fertilizantes e fazem o controle de pragas e doenças do pomar. A cultura é exigente nos tratamentos culturais, principalmente no tratamento fitossanitário, exigindo um rigoroso controle e acompanhamento de todo ciclo de produção. A forma predominante da comercialização da fruta é in natura, embalada em caixas de papelão de 1,8kg em média, principalmente para a CEAGESP.

Pode-se perceber que os agricultores familiares apresentam grande interesse em continuar atuando na produção de caju, mas estão atravessando vários problemas a de tecnologia adequada na região, principalmente relacionada ao tratamento fitossanitário, a utilização da poda e de comercialização da fruta in natura na CEAGESP. Considera-se fundamental o papel da assistência técnica pública, através das Casas de

Agricultura, SAI, das universidades e da assistência técnica privada no desenvolvimento da cultura na região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA INTEGRAL - CATI. Mapas do Estado e das Regionais. Disponível em: <<http://www.cati.sp.gov.br/novacati/index.php>>. Acesso em : 10 mar. 2006.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - Embrapa. Relatório técnico anual do Centro Nacional de Pesquisa de Caju 1989-90. Fortaleza: EMBRAPA - CNPCa, 1991. 84p.

HARADA, E. et al. (Coord.). Agriannual 2007:

Anuário da Agricultura Brasileira. São Paulo: IFNP, 2007. p. 236. (AGRIANUAL, 2007).

PETINARI, R.A. Análise técnica e econômica do cajueiro anão (*Anacardium occidentale* L.) na região Noroeste do Estado de São Paulo. Ilha Solteira, 2002. 103f. Dissertação (Mestrado em Sistema de Produção) - Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, Universidade Estadual Paulista Ilha Solteira, 2002.

RUGGIERO, C. (Ed.). Programa setorial integrado de promoção de exportações de sucos tropicais. Informativo Sociedade Brasileira de Fruticultura, Jaboticabal, v. 20, n. 2, p. 4-5, 2001.

SANTIAGO, M. M. D.; ROCHA, M. B. O mercado de frutas e as estimativas dos preços recebidos pelos fruticultores no Estado de São Paulo, 1990-2000. Informações Econômicas, São Paulo, v.31, n.2, p.7-21, 2001.

TARSITANO, M.A.A. A cultura do cajueiro anão (*Anacardium occidentale* L.) na região oeste do estado de São Paulo: uma avaliação técnica e socioeconômica. Relatório Técnico. 132 p. 2007.